

## *A Cabra e o Bode nos Bestiários Medievais Ingleses<sup>1</sup>*

Profa. Dra. Angélica Varandas

Departamento de Estudos Anglísticos  
Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
[angelicavarandas@sapo.pt](mailto:angelicavarandas@sapo.pt)

### **Resumo**

No Bestiário medieval, as características literais das criaturas que nele são utilizadas como *exempla* assumem uma significação simbólico-alegórica, que nem sempre se traduz de forma fixa e definida. De facto, muitos dos animais do Bestiário revelam uma ambivalência quanto ao seu sentido simbólico, podendo assumir dupla significação, isto é, podendo originar simultaneamente uma leitura positiva (“in bono”) e uma leitura negativa (“in malo”). Procurámos, neste artigo, reflectir sobre essa ambivalência simbólica inerente ao Bestiário, recorrendo ao exemplo da cabra, por duas razões fundamentais: por ser uma das criaturas em que essa ambivalência se torna bem clara e por ser um dos animais que maior atenção recebe na obra ao originar cerca de três a quatro entradas diferentes e igual número de iluminuras. De facto, a cabra possui características positivas, quando se assume como animal selvagem, mas reveste-se de uma significação negativa quando é referida como animal doméstico. Para além disso, estabelece uma rede de significações simbólicas com outros animais que com ela se encontram relacionados, como o bode e os cabritos, ou ainda o sátiro, o veado ou o macaco.

Palavras-chave: luxúria, judeus, memória.

### **Abstract**

In the medieval bestiary, the symbolism of the animals taken as *exempla* is not always fixed or well determined. Most of the creatures present in the Bestiary are ambivalent in symbolic terms and can be read both in a positive way (“in bono”) or in a negative way (“in malo”). In this paper, I intend to reflect on this symbolic ambivalence, taking the goat as an example for two fundamental reasons: because the goat is one of the animals in which that ambivalence is extremely clear and because it is one of the animals to which a great number of chapters and illustrations are dedicated. In fact, the goat can have positive characteristics when it appears as a wild animal, but it assumes a negative connotation when it is presented as a domestic creature. It also establishes a network of symbolic meanings with other animals, such as the he-goat or the kid, and also the satyr, the deer or the monkey.

Keywords: lust, jews, memory.

De entre os animais contemplados pelos bestiários latinos produzidos em Inglaterra entre os séculos XII e XIV, a cabra revela-se-nos como um dos que recebe maior atenção, no sentido em que origina entre três a quatro entradas diferentes e igual número de iluminuras. Num dos manuscritos de luxo produzido no século XIII – o MS. Bodley 764 da Biblioteca Bodleiana, de Oxford – surgem quatro capítulos relacionados com a cabra: os dois primeiros referem-se à cabra selvagem (*caper* ou *capra*); o terceiro aos cabritos (*haedi*) e o último ao bode (*hyrcus*), todos eles acompanhados pelas iluminuras respectivas. Embora alguns dos manuscritos não contenham uma entrada diferente para os cabritos, optando por incluir a sua descrição de ordem etimológica no capítulo sobre o bode, a verdade é que o Bestiário distingue entre duas espécies de cabra, atribuindo a cada uma um capítulo diferente e simbologia oposta: a cabra doméstica, representada apenas pelo bode (*hyrcus*), de significação negativa (*in malo*), e a cabra selvagem – macho ou fêmea – (*caper* ou *capra*), de leitura positiva (*in bono*). Torna-se de igual modo interessante verificar a ordem pela qual ambos surgem no contexto do Bestiário: a cabra selvagem segue, de modo geral, o capítulo sobre o veado, aparecendo este logo após o sátiro que, por sua vez, surge depois do macaco. Entre a cabra selvagem e o bode existem cerca de treze a quinze animais de permeio, vindo o bode após o cordeiro e antes do javali. Veremos que esta sucessão de capítulos animais se reveste de um sentido simbólico coerente.

\*  
\*   \*

Falemos em primeiro lugar do bode – *hyrcus* – e da sua significação simbólico-alégorica como animal associado ao diabo e ao pecado capital da luxúria e citemos a este respeito o MS. 24 da Biblioteca de Aberdeen, manuscrito-irmão do MS. Ashmole 1511 da Biblioteca Bodleiana de Oxford.<sup>2</sup> Numa pequena entrada intitulada *De Hyrcos*, afirma o Aberdeen Bestiary a respeito do bode:

The he-goat is a wanton and frisky animal, always longing for sex; as a result of its lustfulness its eyes look sideways - from which it has derived its name. For, according to Suetonius, *hirci* are the corners of the eyes. Its nature is so very heated that its blood alone will dissolve a diamond, against which the properties of neither fire nor iron can prevail.<sup>3</sup>

Tal como acontece com todos os bestiários latinos produzidos em Inglaterra, a primeira preocupação radica em situar a etimologia do nome do animal, recorrendo desse modo a "De Animalibus" – o livro XII das *Etymologiarum* de Isidoro de Sevilha, considerada a obra responsável pela transformação do *Fisiólogo* no Bestiário.<sup>4</sup> E diz Isidoro:

El chivo (*hyrcus*) es un animal lascivo, impúdico, ansioso siempre de copular; debido a esta sensualidad, sus ojos miran aviesamente, pues, según Suetonio, *hirci* es el nombre del ángulo de los ojos, y de ahí recibe su denominación. Su miembro fálico es tan ardiente, que su sola sangre es capaz de disolver el diamante, que ni el fuego ni el hierro pueden trabajarlo. (...) (*Etymologiarum* XII. 1. 14-16).<sup>5</sup>

Num texto em tudo semelhante ao excerto citado da obra do bispo de Sevilha, o Aberdeen Bestiary apresenta o bode como o animal que melhor simboliza o vício da luxúria, entregando-se, sem pudor, aos prazeres da carne. E é como figuração deste vício que o bode se manifesta na iconografia, como podemos observar na representação

da luxúria na Catedral de Auxerre, onde uma figura feminina desnudada, simbolizando o prazer sexual, se senta em cima de um bode, segurando-o pelas extremidades.<sup>6</sup>



**Figura 1: Luxúria. Transepto da Catedral de Auxerre, meados do séc. XIV.** (in *Le Bestiaire* 1988 : 71).

É também como figuração deste vício que o bode continuou a ser conhecido por séculos vindouros, como afirma no século XVI o zoológo isabelino Topsell:

There is no beast that is more prone and given to lust than is a goate. (in Rowland 1973: 80).

A luxúria do bode constitui ainda a razão pela qual o seu sangue é a única matéria capaz de dissolver o diamante, a pedra que, de acordo com os lapidários medievais, afasta os espíritos demoníacos e permite o domínio total sobre homens e animais.

Na verdade, desde sempre que o bode encarna as características associadas a uma libido desenfreada. Na Antiguidade, era adorado precisamente como símbolo da procriação, participando em rituais religiosos que envolviam, muitas vezes, sacrifícios humanos. As vítimas sacrificiais, um homem e uma mulher seleccionados de entre a população, passavam a corporizar todas as culpas e pecados da comunidade – eram os bodes expiatórios cuja morte era sinónimo de purificação social.

Nesta época, o bode encontrava-se ainda associado às celebrações de Dioniso, ou Baco na terminologia dos romanos, deus que personificava o excesso ébrio do vinho. Nestas festividades, um bode era sacrificado em honra do deus, ao mesmo tempo que se entoavam melodias intituladas *tragodiai* ou canções caprinas, pelo que se crê que terá sido a estes rituais de natureza dramática que remontam as origens da tragédia.<sup>7</sup>

Os festivais em honra de Dioniso, nos quais se reencenava continuamente a morte e o renascimento do deus, não se assumiam apenas como ritos de fertilidade que acompanhavam a passagem inevitável das estações. Através deles, pretendia-se também purificar toda a comunidade que, liberta de inibições, soltava os seus desejos mais elementares, celebrando a morte do deus encarnado no bode. De facto, como afirma

Frazer, em *The Golden Bough*, o animal que se rasgava em pedaços e devorava cru tornava-se no corpo e no sangue do deus sacrificado:

Hence when his worshippers rent in pieces a live goat and devoured it raw, they must have believed that they were eating the body and blood of the god. (Frazer (1922) 1987: 391).

Todavia, para além de Dioniso e Baco, o mundo greco-latino oferece outras figuras também elas relacionadas com o bode, quanto mais não seja pela sua aparência física. Entre elas, destacam-se o deus Pã e os sátiros que partilham características do bode quer a nível fisionómico ao possuírem pernas, patas e cascos, quer a nível da licenciosidade sexual que demonstram. De facto, Plínio afirma que a palavra sátiro advém do nome dado ao falo da criatura, pelo que, tal como o bode, o sátiro encontra-se sempre predisposto a copular.

Nos bestiários medievais, os sátiros revelam a sua herança clássica: são apresentados como figuras semi-animais e semi-humanas, de cauda comprida, barbas hirsutas e dotadas de chifres. Vêm lembrar aquilo em que o homem se pode tornar se ceder aos seus impulsos carnis. De acordo com o bestiário que temos vindo a citar – o Aberdeen Bestiary:

**Of satyrs** There are also apes that men call satyrs. They have quite attractive faces, and are restless, making pantomimed gestures. The apes called *callitrices* differ from the others in almost every aspect of their appearance. They have bearded faces and broad tails. It is not difficult to catch them but they rarely survive in captivity. They do not live elsewhere than under the Ethiopian sky, that is their native sky.<sup>8</sup>



**Figura 2: Sátiro.** Aberdeen Bestiary. Disponível em: <http://www.clues.abdn.ac.uk:8080/besttest.html>

Neste manuscrito, a iluminura dedicada ao sátiro mostra-o como uma figura chifruda, coberta de pêlo, de natureza mais animal do que humana. Segura nas mãos o tirsó – o bastão utilizado nas cerimónias em honra de Dioniso ou Baco – que logo remete para a licenciosidade associada a estes rituais. O facto de a figura se encontrar virada para a esquerda pode acentuar a sua negatividade.

Curiosamente, o Bestiário considera o sátiro como uma das várias espécies de macaco, sendo esta uma das razões pelas quais à entrada dedicada ao macaco se segue de imediato a do sátiro.<sup>9</sup> Deste modo, para além de se encontrar relacionado com o sátiro, o macaco partilha também de algumas características da própria cabra, como nos revelam as imagens a seguir reproduzidas.



**Figura 3: Macaco montado numa cabra** MS. Stowe 17, 81v. Disponível em: <http://www.bestiary.ca/index.html>



**Figura 4: um macaco montado num bode segura um mocho.** *The Lutrell Psalter* – Brit. Mus. Add MS. 42130, f. 38r (in H. W. Janson, *Apes and Ape Lore in the Middle Ages and the Renaissance*, London, the Warburg Institute, Univ. of London, 1952, p.199, plate XXIII, d, Brit. Mus. Add MS. 42130, f. 38r).

Na figura 3, a cabra, símbolo da luxúria, é montada por um macaco, também ele representando a concupiscência, aqui aludida na forma como o animal revela o rabo virado na direcção do receptor. O facto de se encontrar montado de cabeça voltada para trás coloca-o entre as criaturas condenadas à execução pública, costume praticado na época medieval. O macaco, tal como a cabra, e mais especificamente o bode, representa ainda o diabo, sendo considerado a mais imunda das criaturas – *turpissima bestia*. Fazendo jus ao seu título, o macaco não só carrega armas de combate (um escudo e uma espada), como nos vira ostensivamente o traseiro numa atitude grosseira.

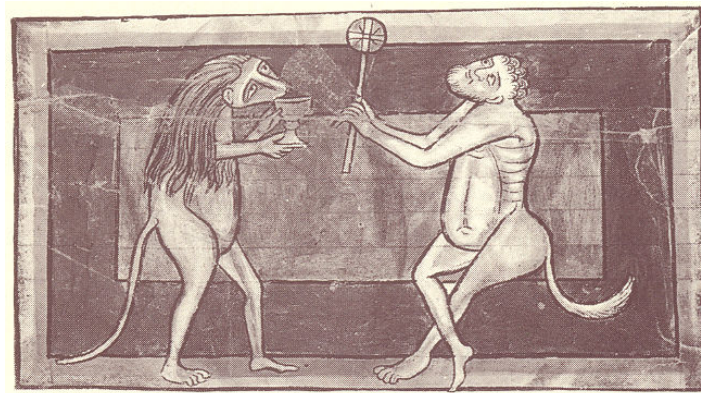
No Lutrell Psalter, um bode, de pêlo abundante e enormes cascos, é montado por um macaco vestido com os trajes utilizados pelos nobres na prática da falcoaria. Porém, não é um falcão a ave a que este símio parece dar uma ordem, mas um mocho: a ave que os bestiários consideram mais impura. Deste modo, o Lutrell Psalter agrega numa só imagem três das mais vis criaturas da simbologia animal da Idade Média: *turpissima avis*, *turpissima bestia* e o bode, símbolo do demónio e do pecado mortal da luxúria.

Embora o texto do Bestiário não refira a promiscuidade do sátiro, esta revela-se nos pormenores pictóricos que a imagem denota, como o tirso a que já nos referimos. No MS. Harley 3244, por exemplo, o tirso é substituído por uma serpente, como se pode verificar na imagem a seguir reproduzida:



**Figura 5: Sátiros.** MS. Harley 3244, f. 41v. (in Payne 1990: 38).

Nesta iluminura, para além das barbas e dos chifres, os sátiros possuem ainda cascos, como os bodes e as cabras. Surgem nus, o que, se por um lado, ilustra a sua natureza animal, por outro, vem aludir ao pecado da concupiscência que simbolizam. O mesmo acontece com os elementos que transportam: o sátiro da esquerda de expressão ameaçadora segura nas mãos um escudo e um machado, armas letais que ilustram a agressividade animal a que se entrega; o da direita agarra uma serpente com ambas as mãos, vindo o réptil aludir à promiscuidade sexual por ser claramente um símbolo fálico. Contudo, a serpente remete também para o mal, o pecado e o vício, contribuindo assim para acentuar a simbologia negativa e malévola associada ao sátiro.



**Figura 6: Sátiros** MS. Harley 4751, f. 11v. (in Payne *op. cit.*: 38)

Por sua vez, o MS. Harley 4751, manuscrito-irmão do MS. Bodley 764, revela outros pormenores curiosos. Nesta imagem, enquanto o sátiro da direita ostenta um tirso e em muito se assemelha à representação habitual dos sátiros nas páginas dos bestiários, o da esquerda evidencia-se pela sua singularidade. Em primeiro lugar, os cabelos longos e as ancas redondas deixam adivinhar uma figura feminina. Em segundo lugar, as suas feições angulares remetem para a sua filiação símia, embora pareçam também apresentá-lo como um cinocéfalo – uma criatura com corpo humano e cabeça de cão. Por fim, segura nas mãos uma taça de onde bebe que remete para a embriaguez associada aos rituais dionisíacos e à promiscuidade sexual.

Deste modo, podemos concluir que a herança clássica da cabra, associada a Dioniso ou Baco, bem como a Pã e aos sátiros, em muito contribuiu para a simbologia

negativa do bode enquanto figuração do diabo, cuja forma animal preferida tem sido sempre a caprina.<sup>10</sup>

Na verdade, é comum na iconografia medieval, o demónio ser representado como uma figura chifruda, de barba pontiaguda, cascos animais e cauda bifurcada, pelo que a cabra e o bode se encontram também associados à invocação do diabo e às artes da feitiçaria.<sup>11</sup>

Na metade simbólico-alegórica em que se divide o texto escrito dos bestiários – a parte moralizante ou *figuras* – o bode simboliza o pecado corporizado nos povos judaico e gentílico. Neste sentido, opõe-se de forma clara ao boi que, ao lavrar a terra, lembra a tarefa do padre cujas homilias preparam os corações humanos para a recepção da semente divina. A este respeito, citemos o MS. Bodley 764:

The goats are the sinners or Gentiles, as in Daniel: 'Behold, an he-goat came from the west' [8: 5]. (...) The he-goats are those who follow the depravities of the devil and clothe themselves in the shaggy hide of vice. The he-goat is 'hircus' in Latin, akin to 'hirsutus', hairy; but the Church offers them with oxen when converts acknowledge Christ as their Lord. (Barber 1993: 83).

De facto, na Idade Média, a cabra podia representar o Judaísmo e o deus dos judeus, eles próprios entendidos como seres demoníacos. Deste modo, era costume castigar os judeus acusados de práticas heterodoxas, fazendo-os circular montados num bode ou numa cabra de costas para a cabeça do animal, uma posição reservada aos criminosos. Por vezes, envergavam ainda uma barbicha e chifres de bode e, de acordo com a tradição popular, dizia-se que o seu cheiro era semelhante ao odor nauseabundo exalado por esse animal.<sup>12</sup> A sua associação a este animal e, por conseguinte, ao diabo era de tal forma poderosa que, em 1267, o Concílio de Viena obriga os judeus ao uso de um chapéu pontiagudo como um corno – o *pileum cornutum*. A própria iconografia revela este sentimento de aversão ao judeu, pelo que é habitual assistir à sua representação como um demónio ou como o próprio diabo, com barbas, cornos e cauda bifurcada. Nas iluminuras que representam o bode, os bestiários limitam-se a apresentar o animal desprovido de atributos que o relacionem com o diabo ou o judeu, como acontece, por exemplo, no MS. Bodley 764.



Figura 7: Bode MS. Bodley 764 (in Barber 1993: 82).

Todavia, apesar de a simbologia negativa do bode ter permanecido até à actualidade, este animal não se encontra nos primeiros manuscritos do *Fisiólogo*, sendo um acrescentamento mais tardio. De facto, naquele que é o manuscrito mais completo da versão B do *Fisiólogo* (a versão que origina a Segunda Família de bestiários

produzida em Inglaterra) – o Bern, Lat. 233, f. 1-13, produzido entre os séculos VIII e IX, na região do Loire, não consta o nome do bode, somente o da cabra selvagem (*capra*). Do mesmo modo, na Primeira Família de bestiários, na sua versão B-I, isto é, manuscritos que seguem a versão B do *Fisiólogo*, mas que incluem passos de Isidoro de Sevilha, de que se torna exemplo paradigmático o manuscrito Laud. Misc. 247, de inícios do século XII, a cabra possui apenas uma entrada, sendo entendida na sua vertente positiva. O mesmo acontece relativamente aos manuscritos de transição, como o Morgan 81 de finais do século XIII.

Significa isto que a separação entre *caper* ou *capra* e *hyrcus*, em que a primeira é símbolo divino e a segundo demoníaco, é uma inovação dos bestiários da Segunda Família que logo contamina os manuscritos das famílias subseqüentes, isto é, a Terceira e a Quarta Famílias. A que se deve esta inovação?

Tendo em conta que os bestiários da Segunda Família se distinguem daqueles que os antecedem pelo facto de incluírem adições de ainda mais passos das *Etimologias* e de excertos do *Pantheologus* de Pedro da Cornualha, serão estas obras as principais responsáveis pela duplicação do episódio da cabra que origina um novo texto desta feita lido *in malo* e também uma nova série de iluminuras.

A identificação da cabra com Satanás que passa a integrar o ciclo dos bestiários da Segunda Família pode ter tido origem no cruzamento da influência do mundo animal greco-latino com o pensamento exegetico cristão, uma vez que é também no primeiro que mergulham as raízes da simbologia animal da Idade Média.

\*  
\*   \*

O capítulo dedicado ao cabrito revela-nos uma criatura de simbologia ambivalente, embora a iluminura que de modo geral o acompanha remeta, a nível do padrão pictórico, para a imagem associada à cabra selvagem de conotação exclusivamente positiva.



Figura 8: Cabritos. MS. Bodley 764 (in Barber *op. cit.*: 81).

Na verdade, no Bestiário, o cabrito possui uma simbologia negativa, podendo, como o bode, ser lido *in malo*, mas também uma significação positiva, sendo interpretado *in bono*. De acordo com a primeira, este animal assume-se como figuração do pecador condenado ao Inferno, opondo-se ao cordeiro, símbolo dos justos e dos cristãos fiéis que serão salvos no dia do Julgamento Final, numa recuperação de um



versículo do Evangelho de Mateus que o texto escrito cita.<sup>13</sup> Como afirma o MS. Bodley 764:

They [young kids] represent the sinners, who shall stand on the left hand of God on the Day of Judgement, in the same way that the just, represented by sheep, shall stand on His right hand. (Barber 1993: 82).

Cristo surge assim na figura de um pastor de almas, procurando resgatá-las do pecado: aquelas que O recebem tornam-se ovelhas, aquelas que o rejeitam, persistindo no vício, permanecem cabras, como acontece com os judeus. Esta ideia de que, no Dia do Juízo Final, Cristo, o Bom Pastor, separará os cabritos – os condenados – das ovelhas – os eleitos – não é exclusiva do Bestiário, mergulhando as suas raízes numa época anterior, como demonstra um sarcófago romano de marfim, pertencente ao final do séc. III ou início do século IV.<sup>14</sup>



**Figura 9: Juízo Final. Roma. Sarcófago de marfim**, The Metropolitan Museum of Art, New York (in Janetta Benton, *The Medieval Menagerie. Animals in the Art of the Middle Ages*, New York and London, Abbeville Press, 1992, p. 154).

Devido à sua associação com o Julgamento Final, o cabrito surge ainda no Bestiário como figura do Anticristo, numa apropriação do Evangelho de Lucas.<sup>15</sup>

Todavia, como afirmámos, o cabrito possui também uma significação positiva que, a um nível muito literal, coincide com o facto de constituir um bom alimento de sabor agradável, encontrando nesse facto a razão etimológica do seu nome:

Kids, *hedi*, take their name from the word for eating, *edendum*, for the young ones are very fat and taste delicious. As a result their name means 'eat' and 'eatable'.<sup>16</sup>

Ao nível simbólico-alegórico, o cabrito representa os justos que confessam os seus pecados, podendo até simbolizar o próprio Cristo, dependendo da referência bíblica citada.<sup>17</sup> Porém, no Bestiário, é a cabra selvagem a espécie caprina que corporiza claramente a figura de Cristo.

\*  
\* \*

O Bestiário de Aberdeen dedica duas entradas à cabra selvagem – *De capre* e *De capra* – e duas iluminuras que se seguem no manuscrito e que constituem os fólhos 14r. e 14v.<sup>18</sup> A atenção dispensada a esta espécie revela a sua importância enquanto símbolo divino e salvífico como, de resto, o texto refere e destaca através da citação bíblica. Sobre *De capra* – a segunda entrada dedicada a este animal que ocupa neste bestiário o folio 14v. – afirma o Aberdeen Bestiary:

**Of the wild goat** The goat has these characteristics: when grazing, it moves from high to even higher pastures. It picks out good grass from bad by the sharpness of its eyes. It feeds by chewing the grass. When wounded, it hurries to find the herb dittany and, by touching it, is healed. In the same way, good preachers graze on the law of the Lord and take delight in good works as in good pastures, rising from one virtue to another. They choose good writings from bad with the eyes of the heart and meditate upon those they have chosen, that is they examine the good in the views expressed and, having pondered them, commit them to memory. Wounded by sin, they hurry back to Christ by confessing and are quickly healed. For this reason, Christ is rightly said to be like dittany. For as dittany drives out iron from a wound and heals it, so Christ through confession casts out the devil and pardons sin.<sup>19</sup>

De todos os sentidos, a cabra é associada ao mais nobre – o da visão. Os seus olhos penetrantes, que lhe permitem distinguir a erva sã da daninha e apenas da primeira se alimentar, revelam-se afinal como os olhos do coração dos padres que sabem seleccionar de entre os textos ao seu dispor os mais virtuosos nos quais se deleitam e pelos quais se aperfeiçoam.

Nesta sobreposição alegórica entre o comportamento da cabra e os deveres do padre, torna-se explícita a importância da *ars memorativa* que se reveste, como de resto era crença na Idade Média, de uma componente moral. Na verdade, o paralelismo metafórico entre a prática memorativa e o mastigar da erva não é de todo ingénuo no âmbito das teorias exegéticas medievais sobre o papel da memória e suas características. Assim, o texto torna claro que, tal como a cabra vai subindo cada vez mais as altas montanhas em busca das ervas benéficas com que se alimenta, também a prática da memória permite, por um lado, a elevação do espírito e, por outro, a alimentação sadia da alma. Para além disso, a memória só se pode exercitar através da prática constante e repetitiva do material a memorizar, pelo que é comum na época medieval ser referida ao acto de ingerir ou engolir ou entendida como uma forma de mastigar ou ruminar. Primeiro, porque, era frequente o acto de memorização se fazer acompanhar de repetição em surdina, através de murmúrios ou sussurros, das palavras que se procuravam inscrever na mente. Segundo, porque o próprio acto de sussurar se assemelha, na movimentação muscular, ao acto de mastigar ou ruminar. A *ruminatio*, ruminação meditativa, era aconselhada nos mosteiros e praticada pelos monges, sobretudo nas *collationes*, nas quais as refeições eram acompanhadas pela leitura em voz alta de passagens da Sagrada Escritura. Terceiro, porque, exactamente como revelam as *collationes*, o exercício da arte da memória, ao permitir a ingestão e digestão dos textos, alimenta o corpo e o espírito daquele que o realiza, assegurando o seu enriquecimento físico e moral, numa concepção que remete para o Apocalipse 10: 9-10 onde João ingere o livro que lhe é entregue pelo anjo. Um dos textos em que é evidente a metáfora da prática da memória enquanto acto de *ruminatio* é uma carta dirigida por Petrarca a Bocácio. O excerto deste documento, em que Petrarca conta ao amigo como se familiarizou com a leitura de Virgílio, Horácio e Cícero entre outros, é aqui recuperado na versão inglesa citada por Mary Carruthers:

I ate in the morning what I would digest in the evening; I swallowed as a boy what I would ruminate upon as an older man. I have thoroughly absorbed these writings, implanting them not only in my memory but in my marrow.<sup>20</sup>  
(in Carruthers 1990: 219).

Por fim, não queremos deixar de referir que memorizar é decorar, não na acepção que a palavra adquiriu em tempos mais recentes, mas no sentido medieval em que decorar significa conhecer de cor, isto é, de coração, pois é este órgão o repositório por excelência do saber mais valioso. Por este motivo, torna-se particularmente relevante a idéia patente no texto da cabra de que apenas pelos olhos do coração é possível discernir os bons dos maus textos e registar os primeiros no armazém da memória. Neste cruzam-se, num registro polifónico e dialógico, textos e glosas, alusões e citações, traduções e adaptações que podem ser recuperadas sempre que se desejar.

O excerto sobre a cabra selvagem acima citado contém ainda uma associação entre a cabra, o padre e a planta conhecida como dictamno que merece ser referida. De facto, de acordo com os bestiários, a cabra, quando se encontra doente ou ferida, procura uma erva particular que logo a faz sarar. Mais uma vez, este episódio encontra a sua contrapartida simbólica no acto da confissão, entendido como a única possibilidade de cura da alma e do corpo do pecador, e a sua espessura alegórica na transformação da planta na figura salvífica de Cristo Redentor.

Na Idade Média, o dictamno, cujo nome científico é *Origanum dictamnus*, era utilizado na cura das feridas. Era conhecido como Dictamno de Creta, uma vez que crescia sobretudo nesta cidade. Aí, esta planta era ingerida por veados adultos quando doentes ou feridos. Esta crença aplica-se igualmente a outras plantas que com o dictamno se identificam ou confundem pelo facto de pertencerem todas à mesma Família – a das *Labiatae*. Entre estas encontram-se a *Elaphoboscum* e a Carvalhinha ou Têucro (*Teucrium scorodonia*), uma planta que cresce por toda a Europa, podendo ser encontrada exactamente em locais altos e montanhosos. A denominação latina da carvalhinha ou têucro como *Teucrium scorodonia* foi-lhe atribuída por Lineu, a partir do antigo rei de Tróia, Têucro, que pela primeira vez a utilizou para fins medicinais, e, tal como acontece com as espécies vegetais atrás citadas da mesma Família, era especialmente procurada pelas corças quando doentes ou feridas, pelo que ainda hoje é também conhecida em inglês como “hind heal”.

Hoje em dia, estas ervas são todas elas reconhecidas como medicinais, sendo usadas, por vezes em mézinhas domésticas, na cura de doenças de pele e do sangue, bem como na prevenção da febre, gripes e inflamações. É de igual modo eficaz o seu efeito desinfectante em feridas profundas e resistentes, pelo que o dictamno, quando combinado fresco com outras ervas medicinais, resulta num excelente cataplasma para sarar feridas antigas e duradouras em qualquer parte do corpo. De facto, dadas as suas propriedades curativas, o dictamno parece encarnar na perfeição o poder regenerador de Cristo e os Seus milagres junto dos doentes, dos feridos e dos necessitados, tal como a Bíblia relata.

A crença de que o dictamno era ingerido pelas corças ou pelos veados que conheciam os seus poderes curativos encontra-se registrada também nos bestiários que a ela se referem quando comentam as características desses animais. De acordo com o MS. Bodley 764:

They [deer] also eat a herb called dittany, and by doing so draw out arrows which have wounded them. (in Barber 1993: 51).

A cura da cabra pela deglutição do dictamno, fenómeno também ele referido ao veado, estabelece nos bestiários uma relação entre estes dois animais, relação esta que pode ser encontrada na outra entrada sobre a cabra selvagem ainda não citada: a primeira entrada sobre a cabra do Aberdeen Bestiary, intitulada *De Capre*, que ocupa o fólho 14r.:

There is an animal called in Latin *caper*, goat, because it chooses, *capere*, to live in rugged places; some call it *capra* from *crepita*, 'a rustling noise'. These are the tame goats which the Greeks called *dorcas*, gazelle, because they have very sharp sight. They live in high mountains and can tell if men approaching a long way off are hunters or travellers. In the same way, our Lord Jesus Christ loves high mountains, that is, the prophets and Apostles, as it says in the Song of Songs: 'Behold, my beloved cometh leaping upon the mountains, skipping upon the hills (see Song of Solomon, 2:8). As a goat grazes in the valleys, our Lord grazes on the church; the good works of Christian people are the food of him who said: 'For I was an hungred, and ye gave me meat; I was thirsty, and ye gave me drink.' (Matthew, 25: 35) By the valleys of the mountains are understood the churches spread through different regions, as it says in the Song of Songs: 'My beloved is like a roe or young hart.' (Song of Solomon, 2: 9) The fact that the goat has very sharp eyesight, sees everything and recognises things from a long way off, signifies our Lord, who is the lord of all knowing and God. And elsewhere it is written: 'Though the Lord be high yet hath he respect unto the lowly but the proud he knoweth afar off.' (Psalms, 138: 6) He created and established all things, and rules and judges and sees; and before anything arises in our hearts he foresees and understands it. Lastly, just as the goat perceives from afar hunters approaching, so Christ knew in advance the plot of his betrayer, saying: 'Behold, he is at hand that doth betray me.' (Matthew 26: 46).<sup>21</sup>

A primeira preocupação do texto consiste, como é hábito, em situar a etimologia da cabra que radica, como sempre acontece, em Santo Isidoro de Sevilha.<sup>22</sup> Assim sendo, a cabra selvagem possui o nome latino de *capra* devido ao ruído que produz – *crepita* – ou o nome de *caper* porque procura – *capere* – os locais inóspitos, preferindo as montanhas e os vales verdes onde gosta de pastar. A sua visão aguçada permite-lhe ver o que está a uma longa distância, pelo que consegue distinguir entre um caçador e um viajante, isto é, entre alguém que se aproxima com más ou boas intenções. Por esta razão é também apelidada de *dorcas*, ou seja, aquela que vê.

Na alegoria subjacente que o texto desvela, a cabra é figuração de Cristo que ama a Igreja e cujo discernimento onisciente Lhe permite distinguir entre o Bem e o Mal. O episódio da cabra, que forma com os episódios dedicados à hidra, ao onagro e macaco e ao galo uma unidade visível, permite a reflexão sobre a relação de Cristo com a Igreja e a comunidade dos fiéis.<sup>23</sup> Em primeiro lugar, porque, tal como a cabra ingere as ervas, também Cristo se alimenta da Igreja e das boas acções dos cristãos, tal como se afirma em Mateus 25: 35.<sup>24</sup> Em segundo lugar, porque, tal como a cabra gosta dos vales montanhosos, também Cristo ama os profetas, os apóstolos e os patriarcas que esses vales representam. Neste caso, a referência bíblica recuperada pertence ao Cântico dos Cânticos.<sup>25</sup> Por fim, porque a excelente visão da cabra representa o discernimento de Cristo entre o Bem e o Mal, numa alusão aos Salmos.<sup>26</sup> Na verdade, são exactamente estes os aspectos ilustrados em muitos dos manuscritos, como revelam as imagens que de seguida apresentamos:



**Figura 10:** duas cabras selvagens fogem de um caçador. A serpente que se enrola debaixo da terra na metade inferior direita da imagem parece aludir à conotação negativa do caçador. Royal MS. 2 B. Vii, f. 104v. (in Payne *op. cit.*: 41).



**Figura 11:** uma cabra selvagem ajoelha, dócil, perante um agricultor que se aproxima. Sloane 278, f. 52. (in Payne *op. cit.*: 40).

Nestas iluminuras, a cabra surge como símbolo de Cristo, aquele que soube reconhecer de entre os seus discípulos aquele que Dele se aproximou para traiçoeiramente O entregar à morte, aquele que, como afirmam os Salmos, “(...) *conhece o caminho dos justos*”.<sup>27</sup>

Assim, se estas iluminuras se integram no conjunto de textos pictóricos que Debra Hassig apelida de imagens narrativas, outros manuscritos há que optam por ilustrar apenas o animal sem aludir à alegoria subjacente. Estas últimas iluminuras pertencem aos denominados retratos de animais, como aquelas que passamos a reproduzir:<sup>28</sup>



**Figura 12: Duas cabras selvagens ligadas pelos chifres desenham um retrato geométrico.** MS. Ashmole 1511 (in *Le Bestiaire* 1988: 93).



**Figura 13: Cabra selvagem.** Aberdeen Bestiary Disponível em: <http://www.clues.abdn.ac.uk:8080/besttest.html>



Figura 14: uma cabra e um bode pastam nas montanhas. Esta iluminura vem relembrar o facto de que apenas o bode doméstico possui conotação negativa, pois o bode selvagem é, como a cabra montês, símbolo de Jesus Cristo. B.M. Harley 3244, f. 46v. Disponível em: <http://www.bestiary.ca/index.html>



Figura 15: Duas cabras pastam nas montanhas. B. L., MS. Royal 12 C. xix, f. 31v. Disponível em: <http://www.bestiary.ca/index.html>



**Figura 16: três cabras pastam nas montanhas** Royal MS. 2 B. Vii, f. 105r. Disponível em: <http://www.bestiary.ca/index.html>

Após a explicação etimológica do nome do animal, o Bestiário passa a apresentar a cabra selvagem, identificando-a com a gazela. Se tal não acontece em Isidoro, o *Fisiólogo*, em ambas as versões, estabelece um paralelismo entre os dois animais. De facto, a versão Y, que desapareceu de circulação por volta do século XI, não tendo impacto em versões posteriores e que mais perto se encontra do original grego, afirma o seguinte a respeito da cabra:

Del dorkón: Existe en las montañas un animal llamado en griego dorkón, y en latín caprea, es decir, cabra montés, coro o gacela. (in Redín e Guglielmi, 1971: 64).

Por sua vez, no Bern, Lat. 233, f. 1-13, versão B do *Fisiólogo* latino, apenas surge a espécie selvagem – *capra* – em tudo semelhante às suas congêneres dos manuscritos já citados.

A identificação entre a cabra selvagem, o corço e a gazela ou veado parece residir na palavra grega *dorkas* que pode designar qualquer um destes animais. Orígenes, na homilia que dedica ao Cântico dos Cânticos do rei Salomão, mais especificamente ao capítulo 2, versículo 9, que, de resto, já citámos em nota de rodapé, explica o significado da palavra *dorcas*, traduzindo-a apenas por cabra:

Caprea, id est dorcas, acutissime videt...dicimus quia dorcas, hoc est caprea secundum eorum physiologiam qui de naturis omnium animalium disputant, ex insita sibi vi nomen acceperit. Ab eo enim quod acutius videat ... dorcas appellata est. (in McCulloch, 1962: 121).

De qualquer modo, a palavra grega deu origem a uma indistinção entre estas criaturas, como, de resto, afirma Norman Douglas numa das obras mais importantes sobre os animais do mundo grego:

Dorkas (...) is the gazelle or antelope (...). In most instances dorkas can mean nothing but roe or fawn, although, firstly, it is impossible in any one case, to say which of the two is signified. (...) In short, we cannot definitely say of any of the six names here given to deer (elaphos, achaines, prox, dorkas, nebros and keman) that they apply to one animal and to no other – which is a record in the matter of poetical confusion. (...) So Strabo in speaking of the dorkades as one of the great rarities of Spain, can have been thinking not of the roe nor of the fawn, both of which were common, nor yet of antelopes or gazelles, neither of which existed here, but of the Pyrenean ibex; the “wild



goats” of Taygetus mentioned by Pausanias were probably chamois. (Douglas, 1928: 11)

Outra das razões para a confusão que se estabelece entre a cabra montês, ou cabra dos Pirinéus como lhe chama Douglas, e o cervo ou veado reside no facto de o corço, embora em tudo se distinga da cabra selvagem, seja também conhecido pelo nome de cabrito montês.<sup>29</sup>

Deste modo, existia na Idade Média alguma indistinção entre estes animais que o Bestiário revela não apenas a nível escrito, como verificámos, mas de igual modo a nível pictórico. Na verdade, algumas das iluminuras dos manuscritos dos bestiários ilustram a cabra montês com forma de veado ou corço, como acontece com as imagens que passamos a reproduzir:



Figura 17: representação da cabra selvagem que aqui se assemelha a um veado Copenhagen, Kongelige Bibkiotek, Gl. Kgl. S. 1633 4º, f. 13r Disponível em: <http://www.bestiary.ca/index.html>



Figura 18: um caçador aproxima-se de duas cabras selvagens que são representadas como veados. MS. Bodley 764 (in Barber *op. cit.*: 56).

A própria ordem das entradas destes animais nos bestiários remete para este paralelismo entre as criaturas. Assim, *De capre*, na sua leitura *in bono*, surge logo após o capítulo dedicado ao veado (*De cervis*), sendo este um dos animais referidos a Jesus Cristo, não só porque é um dos inimigos da serpente, mas também porque sabe recorrer à ingestão do dictamnno quando ferido e esta planta constitui, como já verificámos, um dos símbolos botânicos do Redentor. A presença desta erva no bestiário poderá ser outra das razões pelas quais os veados, as gazelas e as cabras são por vezes confundidos nesse género textual.

Curiosamente, o bestiário afirma também que o veado se deixa encantar pela música da flauta de Pã, embora a forma como posiciona as orelhas lhe permita evitar a audição da melodia:

They are entranced by the whistling of a pan-pipe; they can hear anything with pricked ears, but nothing if they lay their ears back. (in Barber 1993: 51).

Imediatamente antes do veado, a figura animal apresentada é o sátiro que segue o macaco com o qual partilha a mesma família.

Quanto aos cabritos e o bode, que surgem imediatamente a seguir um ao outro, é interessante verificar que seguem os capítulos dedicados às ovelhas e ao cordeiro, com os quais estabelecem, como verificámos, uma relação de claro contraste simbólico.

\*  
\*   \*

Resta-nos afirmar que a cabra é ainda o emblema nacional do País de Gales. Num conto popular galês conta-se que um príncipe encontra uma cabra branca que acaba por se transformar numa linda donzela. Esta lenda, que lembra a história da “Dama-de-Pé-de-Cabra” contada no *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro e celebrizada nas *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano, vem testemunhar a importância deste animal no imaginário do mundo ocidental.

A cabra é, pois, um dos vários animais do Bestiário cuja ambivalência de significados simbólicos é por demais evidente. Para além disso, vem comprovar que o Bestiário enquanto obra exegética se organiza como um todo simbólico coerente. De facto, enquanto livro produzido no âmbito do neoplatonismo cristão, o Bestiário contribui para uma visão harmoniosa do mundo criado por Deus que, a todo o instante, reflecte o poder e a glória do Criador.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- Bíblia Sagrada para o Terceiro Milénio da Encarnação*, Franciscanos Capuchinhos, Lisboa / Fátima, Difusora Bíblica, 2000.
- BARBER, Richard, (ed.), *Bestiary. Being an English Version of the Bodleian Library*, Oxford M. S. Bodley 764 with all the Original Miniatures Reproduced in facsimile, Woodbridge, The Boydell Press, 1993.
- BAXTER, Ron, *Bestiaries and their Users in the Middle Ages*, Gloucestershire, Sutton Publishing Limited, 1998.

- CARRUTHERS, Mary, *The Book of Memory. A Study in Memory in Medieval Culture*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- CHARBONNEAU-LASSAY, Louis (1940), *The Bestiary of Christ*, New York, Parabola Books, 1991.
- COLLINS, Minta, *Medieval Herbals, The Illustrative Tradition*, London, Toronto & Buffalo, The British Library and University of Toronto Press, 2000, p. 274.
- DOUGLAS, Norman, *Birds and Beasts of the Greek Anthology*, London, Chapman and Hall, 1928 . (consultado em versão electrónica)
- FRAZER, Sir James (1922), *The Golden Bough. A Study in Magic and Religion*, London & Basingstoke, Macmillan, Papermac, 1987.
- HASSIG, Debra, *Medieval Bestiaries, Text, Image, Ideology*, Cambridge, CUP, 1995.
- Le Bestiaire. Texte intégral traduit en français moderne et reproduction en fac-similé des miniatures du Bestiaire Ashmole 1511 de la Bodleian Library d'Oxford*, Marie-France Dupuis et Sylvain Louis (trad.), Phillipe Lebaud Éditeur, 1988
- McCULLOCH, Florence, *Medieval Latin and French Bestiaries*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1962.
- PAYNE, Ann, *Medieval Beasts*, New York, New Amsterdam Books, 1990.
- REDÍN, Marino Ayerra y Nilda Guglielmi (trads), *El Fisiólogo. Bestiario Medieval*, Rivadavia, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1971. (edição baseada em Francis J. Carmody, *Physiologus Latinus. Versio Y*, University of California, Publications in Classical Philology, vo. 12, nº. 7, pp. 95-134, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1941).
- ROWLAND, Beryl, *Animals with Human Faces. A Guide to Animal Symbolism*, Knoxville, The University of Tennessee Press, 1973.
- SEVILHA, Santo Isidoro de, *Etimologias*, vol. II, edición bilingue preparada por José Oroz Reta y Manuel-A. Marcos Casquero, 2ª. Ed., Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.
- VARANDAS, Maria Angélica, *A Voz no Bestiário: Ecos da Raposa na Literatura Inglesa Medieval* (dissertação de doutoramento), Lisboa, Faculdade de Letras, 2003.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> As raízes do Bestiário remontam à Antiguidade greco-latina, especialmente a um texto grego, produzido entre os séculos I e III em Alexandria, conhecido como o *Fisiólogo* ou o *Naturalista*. Nos vários manuscritos a que esta obra deu origem, são descritas várias espécies animais, bem como pedras preciosas, de forma a ilustrar alguns elementos relacionados com a moral e o dogma cristãos. Os manuscritos do *Fisiólogo* e dos bestiários encontram-se agrupados em famílias organizadas por M. R. James em *The Bestiary* (Oxford, The Roxburghe Club, 1928) e subdivididas por Florence McCulloch em *Medieval Latin and French Bestiaries* (Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1962) de acordo com a sua data de origem e aspectos idiossincráticos. De entre as versões latinas do *Fisiólogo* – a Y e a B – considera-se ser a última a originar os manuscritos dos bestiários produzidos quer em Inglaterra quer em França. Quanto aos bestiários, a Primeira Família integra três subfamílias diferentes: os manuscritos da Versão B-I – aqueles que seguem os textos da versão B do *Fisiólogo*, mas que também integram passos das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha; o Livro II de Hugo de Folieto dedicado aos mamíferos e o *Aviário*; e os manuscritos de transição. A versão B-I do *Fisiólogo* latino, proposta por Florence McCulloch, deu origem às traduções para vernáculo hoje conhecidas como os bestiários franceses, nomeadamente o *Bestiaire* de Philippe de Thaon, o *Bestiaire Divin* de Guillaume Le Clerc e as duas versões (longa e curta) de Pierre de Beauvais. Apenas, o *Bestiaire* de Gervaise se assume como uma tradução de uma outra obra – a *Dicta Chrysostomi* atribuída a São João Crisóstomo. Quanto à Segunda Família, esta consiste nos bestiários propriamente ditos, isto é, nos manuscritos que, entre os séculos XII e XIV, foram produzidos em Inglaterra como livros de luxo, escritos em prosa latina e adornados com iluminuras de grande valor artístico. Por fim, a Terceira e Quarta Famílias são constituídas por

manuscritos de maiores dimensões que se distinguem por possuírem secções sobre monstros fabulosos e as maravilhas do mundo. São textos que para além de Isidoro incluem interpolações de outras obras, como *De mundi universitate* de Bernardus Silvestris, *De Remediis fortuitorum* de Séneca, *Policraticus* de John of Salisbury e *De Proprietatibus rerum* de Bartholomeus Anglicus. Todas estas famílias e subfamílias de manuscritos derivam do *Fisiólogo* grego, contribuindo para o tornar numa das obras mais populares ao longo da Idade Média, utilizada nas escolas e mosteiros pelos monges e seus aprendizes, só rivalizando a este nível com a própria Escritura Sagrada.

<sup>2</sup> No âmbito da taxonomia proposta por James e McCulloch, alguns autores propuseram relações de parentesco entre manuscritos que pertencem à mesma família de textos. Assim, utilizamos a expressão “manuscrito-irmão” a partir da designação de Xenia Muratova – “manuscrits-frères” – que se refere a dois manuscritos que, embora não sejam cópias exactas um do outro, possuem semelhanças evidentes a nível de inspiração estilística, do texto, da iconografia e da arte das iluminuras, pelo que pertencem à mesma época. (cf.: Xenia Muratova, “Les manuscrits-frères: un aspect particulier de la production des Bestiaires enluminés en Angleterre à la fin du XIIe siècle” in Xavier Barral I Altet (ed.), *Artistes, Artisans et Production Artistique au Moyen Âge*, (Colloque International, Univ. De Rennes, 2-6 Mai, 1983), vol. III, Paris, Picard, 1990, pp. 69-92, p. 72). O termo de Muratova consiste, por seu turno, numa tradução para francês da designação alemã “Schwester-Handschriften” (proposta por A. Goldschmidt) e da designação inglesa “sister-manuscripts” (proposta por M. R. James para estabelecer relações de parentesco entre os manuscritos da Segunda Família – a família dos bestiários propriamente dita).

<sup>3</sup> “Hircus lascivum et petulcum animal et fervens \semper ad coitum, cuius oculi ob libidinem in transversum \aspiciunt. Unde et nomen traxit. Nam hirci sunt oculorum angeli \secundum Suetonium. Cuius natura adeo calidissima est ut adaman\tem lapidem quem nec ignis nec ferri valet domare materia \solus huius cruor dissolvat. Hedi ab edendo vocati, parvi \enim pinguissimi sunt, et saporis iocundi. Unde et ede \inde et edulium vocatur.” Disponível em: <http://www.clues.abdn.ac.uk:8080/besttest.html>

<sup>4</sup> Embora muitas obras tenham contribuído para a transformação do *Fisiólogo* no Bestiário, entre as quais a *História Natural* de Plínio, o *Polyhistor* de Solino, a obra de Aeliano, *De Universo* de Rábano Mauro, o *Pantheologus* de Pedro da Cornualha e o *Hexaemeron* de Santo Ambrósio, a maioria dos especialistas considera ser “De Animalibus” o texto que mais contribuiu para essa transformação.

<sup>5</sup> *Etimologiarum* XII. 1. 14-16 (In San Isidoro de Sevilla, *Etimologias*, vol. II, edición bilingüe preparada por José Oroz Reta y Manuel-A. Marcos Casquero, 2ª. Ed., Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1994, pp. 58-59).

<sup>6</sup> A imagem iconográfica recorrente na Idade Média da Luxúria personificada por uma figura feminina montada numa cabra remonta à Antiguidade quando Artemis ou Afrodite, a deusa do amor, era por vezes representada em cima de um bode, animal que, de resto, lhe era habitualmente oferecido em sacrifício em cerimónias rituais.

<sup>7</sup> Os actores que, no teatro grego, se distinguiam pela sua excelência recebiam como prémio uma cabra ou bode, o mesmo acontecendo com os vencedores de provas atléticas. Por esta razão, eram apelidados de *tragodos* (a partir de *tragos*, cabra).

<sup>8</sup> **De Satiris** \ Sunt et quos vocant \ satiros facie admodum \ grata, gesticulatis motibus \ inquiete. Callitricis toto \ pene aspectu, a ceteris diffe \ runt. In facie barba est lata \ cauda. Hos capere non est ardu \ um. Sed proferre rarum. Neque vivunt in altero quam in Ethio [excised, A: Ethiopico hoc est suo celo]. \ Disponível em: <http://www.clues.abdn.ac.uk:8080/besttest.html>

<sup>9</sup> Embora o nome científico actual do orangotango seja *pongo pygmaeus*, esta criatura foi outrora conhecida por *simia satyrus*.

<sup>10</sup> O bode é o animal emblemático do diabo que assume a forma caprina para presidir aos *sabbaths*, ideia expressa de igual modo pela pintura, como testemunha o conhecido quadro de Goya – *O Sabbath das Bruxas* – em que o diabo, sob a forma de um enorme bode, reúne ao seu redor um conjunto de bruxas. Nos grupos herméticos medievais, o bode surge ainda como símbolo da animalidade. Por estas razões, o bode encontra-se particularmente associado ao pentagrama invertido, a estrela caída que aponta para

baixo, símbolo do mal e do diabo, por oposição ao pentagrama cuja ponta indica o céu e que é sinónimo de espiritualidade.

<sup>11</sup> Uma das figuras relacionadas com o demónio e as artes da feitiçaria é a do deus Baphomet, provavelmente uma corrupção de Mahomet, de cabeça e chifres de bode que terá sido adorado pelos Templários, pelo que terá contribuído para a dissolução da Ordem.

Os chifres, por sua vez, embora se encontrem associados ao diabo e à demonologia, possuíram, nas religiões mais antigas, características simbólicas positivas, aludindo sobretudo à força física, à virilidade e ao poder de comando. Neste sentido, os chifres são atributos de deuses referidos à fertilidade como o Dagda ou Cernunnos, deuses celtas. De igual modo, a sua referência à cabra nem sempre foi negativa. De facto, na mitologia greco-latina, Zeus foi amamentado por uma cabra branca denominada Almateia, vindo a oferecer um dos seus chifres às ninfas, transformando-o numa cornucópia ou “chifre da abundância”. A cornucópia tornou-se num símbolo da riqueza espiritual e material e da sua fonte divina, sendo associada ao culto cristão no qual se transforma em objecto emblemático da dádiva infinita de Cristo.

Sobre a simbologia do chifre, ver Louis Charbonneau-Lassay (1940), *The Bestiary of Christ*, New York, Parabola Books, 1991, pp. 55-60.

<sup>12</sup> O odor fétido do bode parece estar na origem da associação deste animal às trovoadas, mais especificamente ao cheiro que é por vezes provocado pela eclosão de um relâmpago. Este fenómeno será também uma das razões pelas quais em alguns países do Norte da Europa, como a Escandinávia, o bode seja um dos animais que puxa a carruagem de Thor, o deus do relâmpago e do trovão. Nestes países, era comum utilizar-se um chifre de bode / cabra ou até mesmo um pedaço da pele do animal nas janelas mais altas das casas como forma de protecção contra as trovoadas.

Entre os gregos, acreditava-se que as pessoas dadas a excessos libidinosos exalavam o mesmo cheiro dos bodes.

<sup>13</sup> Mateus 25: 31-33: “Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado por todos os seus anjos, há-de sentar-se no seu trono de glória. Perante Ele, vão reunir-se todos os povos e Ele separará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos”.

<sup>14</sup> Parábola do Bom Pastor – João 10: 7-11.

Quanto à oposição entre a cabra e a ovelha como animais simbolicamente opostos, ver também o Livro de Amós 7: 14-15: “Amós respondeu a Amacias: ‘Eu não era profeta, nem filho de profeta. Era pastor e cultivava frutos de sicómoros.’ O Senhor pegou em mim, quando eu andava atrás do meu rebanho, e disse-me: ‘Vai, e profetiza ao meu povo de Israel.’”

<sup>15</sup> Evangelho de Lucas (sobre a parábola dos dois filhos): “Respondendo ao pai [o filho mais velho], disse-lhe: ‘Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos; / e agora, ao chegar esse teu filho [o filho mais novo], que gastou os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o vitelo gordo”. 15: 29-30.

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.clues.abdn.ac.uk:8080/besttest.html>

<sup>17</sup> “But sometimes the just are called by this name [young kids], when they have confessed their sins, as in Jeremiah: ‘Remove out of the midst of Babylon, and go forth out of the land of the Chaldeans, and be as the kids among the flocks’ [50: 8]. Christ is like a kid because of the sins of the flesh, as in Deuteronomy: ‘Thou shalt not seethe a kid in his mother’s milk [14: 21]’”. (in Barber, *op. cit.*: 82).

<sup>18</sup> A segunda entrada dedicada à cabra que surge apenas a partir da Segunda Família de bestiários constitui provavelmente uma interpolação do *Pantheologia* de Pedro da Cornualha.

<sup>19</sup> **De Capra** Caprea has habet\ naturas,\ quod pascendo de\ altis ad altiora\ tendit. Bonas\ herbas a noxiis\ oculorum acumi\ne eligit. Her\bas ruminat,\ vulnerata ad\ ditannum cur\rit, qua tacta\ sanatur. Sic boni\ predicatorum, pas\centes in lege domini, et in bonis operibus quasi in bono pastu\ delectantes, de virtute in virtutem conscendunt. Bonas sen\tecias a malis oculis cordis eligunt, et electas ruminant,\ id est bonum perscrutantur, et ruminatas tradunt\ memorie. A peccato vulnerati, ad Christum confitentes re\currunt, et cito sanantur. Ideoque Christus bene ditannus\ dicitur. Sicut enim ditannus ferrum a vulnere depellit,\ et vulnus sanat, ita Christus per confessionem diabolum\ eicit, et peccatum ignoscit.\

Disponível em: <http://www.clues.abdn.ac.uk:8080/besttest.html>

<sup>20</sup> Petrarca, *Familiares*, XXII, 2; traduzido por Aldo Bernardo, *Letters on Familiar Matters*, 3 vols., Baltimore, Johns Hopkins Press, 1975-85, p. 213, citado por Mary Carruthers, *The Book of Memory. A Study in Memory in Medieval Culture*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990, p. 219.

<sup>21</sup> **De capre**\ Est animal quod latine\ dicitur caper, eo quod captet\ aspera, nonnulli a crepita \ capream vocant. Hee sunt\ agrestes capree quas greci\ quod acutissime videant,\ dorcas appellaverunt.\ Morantur in excelsis\ montibus, et de longinquo\ veniens [A: venientes], cognoscunt si\ venatores sint, aut via\tores. Sic dominus Iesus Christus amat excelsos montes, hoc est prophetas\ et apostolos, sicut in canticis canticorum dicitur: Ecce fratruelis meus\ sicut caprea venit, saliens super montes, transiliens colles, et sicut\ caprea in convalles pascitur. Dominus noster in ecclesia pascitur, bona opera\ Christianorum esce eius sunt, qui dicit: esurivi et dedistis mihi manduca\re; sitivi, et dedistis mihi bibere. Convallia montium ecclesie\ per diversa loca intelliguntur, sic in canticis canticorum dicitur: Ecce fratruelis meus convertere et esto similis capreis, hinnuloque cer\vorum. Quod acutissimam habet aciem oculorum, et perspicit\ omnia, et a longe cognoscit, significat dominum nostrum, qui dominus\ scienciarum deus est. Et alibi: Quam excelsus dominus et humilia\ respicit, et alta a longe cognoscit, et omnia crevavit et con\didit, et regit et iudicet, et prospicit, et antequam in cordibus nostris\ aliquid oriatur, previdet et cognoscit. Denique sicut et capra a lon\ge cognoscit venantium adventum, ita Christus precivit [prescivit] insidi\as proditoris sui dicens: Ecce appropinquit qui me tradet.\ Disponível em: <http://www.clues.abdn.ac.uk:8080/besttest.html>

<sup>22</sup> “Hay quienes los denominan *capri* y *caprae* porque devoran (*carpere*) la hierba. En cambio, otros piensan que deben tal nombre a que trepan (*captare*) a los lugares más escabrosos. E incluso existen personas que lo hacen derivar del ruido (*crepitus*) de sus patas, y de ahí el nombre de crepae dado a unas cabras salvajes a las que los griegos, debido a la gran agudeza de su vista, es decir, por ser lo que ellos llaman *oxyderkésteron*, las denominaron *dorkás*: habitan en las más elevadas montañas y ven a todo el que se aproxima por muy lejos que se encuentre. Se las conoce también como capreae (cabra montés) (...)” (“Capros et capras a carpendis virgultis quidam dixerunt. Alii quod captent aspera. Nonnulli a crepitu crurum, unde eas crepas vocitatas; quae sunt agrestes caprae, quas Graeci pro eo quod acutissime videant, id est ὄξυδερχέστερον, δορκάς appellerunt. Morantur enim in excelsis montibus, et quamvis de longinquo, vident tamen omnes qui veniunt. Idem autem et caprea. (...)” (*Etimologiarum* XII. 1. 15-16 in San Isidoro de Sevilla, *op. cit.*, pp. 58-59).

<sup>23</sup> A integração da cabra num grupo de animais – o grupo 5 – que representa a relação de Cristo com a Igreja é proposto por Baxter, *Bestiaries and their Users in the Middle Ages*, Gloucestershire, Sutton Publishing Limited, 1998, p. 47.

<sup>24</sup> “Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber” (Mateus 25: 35).

<sup>25</sup> “A voz de meu amado! Ei-lo que chega, correndo pelos montes, saltando sobre as colinas. / O meu amado é semelhante a um gamo ou a um filhote de gazela.” (Cântico dos Cânticos 2: 8-9)

<sup>26</sup> “Do céu, o Senhor contempla e vê toda a humanidade; / do trono em que está sentado, observa todos os habitantes da terra. / Ele formou o coração de cada homem e discerne todas as suas obras” (Salmos 33: 13-15).

<sup>27</sup> Salmos 1: 6: “O Senhor conhece o caminho dos justos mas o caminho dos ímpios conduz à perdição.”

<sup>28</sup> Cf. Debra Hassig, *Medieval Bestiaries, Text, Image, Ideology*, Cambridge, CUP, 1995, p.11.

<sup>29</sup> O corço ou cabrito montês (*capreolus capreolus*) é um animal semelhante ao veado ou cervo (*cervus elaphus*), embora de dimensões mais pequenas. Como o veado, pertence à Família dos Cervídeos. A cabra montês (*capra pyrenaica*) faz parte da Família dos Bovídeos.